



O presidente: cinco anos quase certos



Brizola



Quércia

Presidente ganha e quem perde é Ulysses

TARCÍSIO HOLANDA
Repórter Especial

O grande vencedor da decisão de ontem à noite é, sem dúvida, o presidente Sarney e o maior perdedor — entre os perdedores — é o presidente do PMDB, da Câmara e da Constituinte, Ulysses Guimarães. Sarney ganhou autonomia de voo para imprimir ao governo a orientação e o ritmo que julgar convenientes, sem ter mais que dar satisfações aos partidos que constituíram a Aliança Democrática e, em particular, ao PMDB.

Para conquistar os 344 votos favoráveis à emenda presidencialista do senador Humberto Lucena, Sarney mobilizou todos os instrumentos de coerção que o governo tinha à sua disposição, aliando-se principalmente com a maioria dos governadores, à frente o de São Paulo, Orestes Quércia — que mudou o voto de oito deputados paulistas — além de mobilizar outros aliados poderosos, como os grandes empreiteiros.

Com esta decisão do plenário da Constituinte, Sarney poderá se livrar dos embaraços que constrangeram sua ação até aqui, segundo a opinião dos seus amigos, e aliados políticos. "Ele vai tirar a crise de dentro do governo e transferi-la para o PMDB", previa, ontem, um dos amigos do Presidente, o senador piauiense Alvaro Pacheco, ao lado do governador de seu Estado, Alberto Silva.

A impressão de que o PMDB sofrerá agora um racha definitivo e irreversível não era apenas do senador Alvaro Pacheco. Vários políticos do PMDB admitiam que a facção mais inquieta do partido, dos social-democratas à esquerda, tomarão a iniciativa de provocar uma divisão no interior da legenda.

Derrotado nessa votação, que lhe roubou, ao mesmo tempo, a oportunidade de uma eleição este ano ou a chance de se transformar em primeiro-ministro na

eventualidade do regime parlamentarista, o presidente do PMDB vai enfrentar grandes dificuldades para manter a unidade interna. O senador Mário Covas e seus companheiros vão intensificar a pressão pela convocação da convenção nacional a fim de saber quem vai controlar o partido.

Os mais conservadores do PMDB, que se aliaram com o governo na votação de ontem, não demonstram qualquer interesse em deixar os quadros do partido em um ano eleitoral. O provável é que o governo ajude esse grupo a sustentar uma luta interna no partido para garantir maior grau de influência numa convenção nacional.

Em qualquer hipótese, o governo quer formar os blocos parlamentares governistas na Câmara e no Senado, mantendo como líderes respectivamente, o deputado Carlos Sant'Anna e o senador Saldanha Derzy. O plano é constituir também colégio de vice-líderes nas duas Casas do Congresso para tornar mais firme a defesa do governo.

Com a decisão que lhe confere autonomia de voo, Sarney poderá se beneficiar com a adesão de maior número de parlamentares. Agora, tudo vai ser mais fácil para ele.

E a Ulysses, o que resta? Dentro de alguns meses, ele voltará a ser um simples deputado, sendo-lhe difícil conservar-se na presidência do partido — previa ontem o senador Alvaro Pacheco, exprimindo a grande irritação do Palácio do Planalto com a tentativa de negociação que fez o hábil político paulista em torno da fórmula do parlamentarismo com cinco anos de mandato.

Mas Ulysses é um craque no meio de muitos pernas-de-pau, como reconhecia o próprio Alvaro. Não se pode afastar a possibilidade de que o presidente do PMDB comande o processo de radicalização oposicionista ao governo dentro de seu partido, conseguindo conservar a sua liderança so-

bre a facção mais comprometida com seus compromissos históricos.

Se perde momentaneamente, Ulysses poderá se recuperar a curto prazo, não a longo. A eleição presidencial em 89 tira-o praticamente do páreo sucessório. Orestes Quércia, o governador de São Paulo, e os líderes Mario Covas e Fernando Henrique Cardoso têm mais chances do que o atual presidente do PMDB. Quem sabe se Ulysses não reconhecerá realistischamente que foi ultrapassado, assumindo a missão de coordenar a escolha do candidato em seu partido, como fez com Tancredo Neves depois do fracasso do movimento pelas diretas já?

Agora, cortam-se formalmente os vínculos do PMDB com o governo e abre-se a oportunidade para uma intensa radicalização política dentro do PMDB, do Congresso constituinte e do País, pois parte desse partido deve-se aliar com Brizola e Lula para realimentar a campanha em favor do mandato de quatro anos, que só será definido mesmo no capítulo das Disposições Transitórias.

A decisão de ontem, embora se refira ao mandato dos presidentes da República no texto permanente, fortalece o pleito de Sarney para conquistar o mandato de cinco anos.

Como dizia o deputado Israel Pinheiro, desalentado, agora vai haver uma onda de adesões ao Presidente da República. E Sarney sustenta-se mais dois anos no poder diante de uma crise tão grave?, indagavam muitos políticos. Não terá que ficar fechado no Palácio do Planalto ou no Palácio da Alvorada recorrendo ao estado de sítio para sobreviver?

"Em seis meses, ele terá resolvido a crise econômico-financeira e aberto caminho para o País se recuperar", afirmava, seguro o senador Alvaro Pacheco. "Ele poderá até ser candidato à reeleição. Esperem seis meses", dizia o senador piauiense.